



**ARQUIVO E REPERTÓRIO EM *HER NAME NEVER GOT CALLED* de  
Gloria Evangelina Anzaldúa**

**ARCHIVE AND REPERTORY IN *HER NAME NEVER GOT CALLED* by  
Gloria Evangelina Anzaldúa**

**ARCHIVO Y REPERTORIO A *SU NOMBRE NUNCA FUE LLAMADO* por  
Gloria Evangelina Anzaldúa**

**Carlos Vinícius da Silva Figueiredo<sup>1</sup> & Vera Lúcia Harabagi Hanna<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O contexto histórico-cultural e literário de grande produtividade nos Estados Unidos tem fomentado intensivamente as literaturas imigrantes e de identidades em trânsito, proporcionando a criação de uma vasta obra representante do solo cultural da fronteira entre México e Estados Unidos. Uma representante deste espaço fronteiriço é Gloria Evangelina Anzaldúa, que transitou da poesia à prosa, a exemplo do livro *Borderlands/La Frontera: the new mestiza* (1987), revelando o surgimento de um rótulo em particular, como o de literatura chicana. Este artigo tem por objetivo analisar o conto não publicado *Her name never got called*, e por sua vez, discutir sobre o conceito de arquivo e repertório na obra anzalduana. Para além do texto literário e arquivo inédito, busca-se refletir sobre vida dos seres subalternos que ocupam a fronteira

---

<sup>1</sup> Carlos Vinícius da Silva Figueiredo é Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor de Português/Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Dourados. Secretário Municipal de Educação de Dourados. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5882-637X>. E-mail: [carlos.figueiredo@ifms.edu.br](mailto:carlos.figueiredo@ifms.edu.br).

<sup>2</sup> Vera Lúcia Harabagi Hanna é Pós-doutorado pela Brown University, Estados Unidos. Professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4395-6702>. E-mail: [verahanna@uol.com.br](mailto:verahanna@uol.com.br).

México – Estados Unidos. Para tanto, a metodologia que subsidia este texto volta-se para as reflexões teórico-críticas acerca dos estudos pós-colonialistas, sobretudo as obras, Mignolo (2003) e Hawley (2001) e ainda obras de exegese e fortuna crítica sobre Anzaldúa, como, Keating (2009) e Bowen (2010). Desta forma, a vida e obra de Gloria Anzaldúa constituem-se, em um legado da história daqueles que estão no entre-lugar da fronteira.

**Palavras-chave:** Anzaldúa, arquivo, repertório, identidade, auto-história.

**ABSTRACT:** The historical-cultural and literary context of great productivity in the United States has intensively promoted immigrant literature and identities in transit, providing the creation of a vast work representing the cultural soil of the border between Mexico and the United States. A representative of this border space is Gloria Evangelina Anzaldúa, who moved from poetry to prose, such as the book *Borderlands/La Frontera: the new mestiza* (1987), revealing the emergence of a particular label, such as Chicano literature. This article aims to analyze the unpublished short story *Her name never got called*, and in turn, discuss the concept of archive and repertoire. In addition to the literary text and unpublished archive, we seek to reflect on the lives of subaltern beings who occupy the Mexico – United States border. To this end, the methodology that supports this text focuses on theoretical-critical reflections on post-colonialist studies, especially the works of Mignolo (2005) and Hawley (2001) and also works of exegesis and critical fortune about Anzaldúa, such as Keating (2009) and Bowen (2010). In this way, life and work of Gloria Anzaldúa constitute a legacy of the history of those who are on the borders and live the difficult reality of this in-between place.

**Keywords:** Anzaldúa, archive, repertoire, identity, autohistory.

**RESUMEN:** El contexto histórico-cultural y literario de gran productividad en Estados Unidos ha fomentado intensamente las literaturas de inmigrantes y de identidad en tránsito, propiciando la creación de una vasta obra que representa el suelo cultural de la frontera entre México y Estados Unidos. Una representante de este espacio fronterizo es Gloria Evangelina Anzaldúa, quien pasó de la poesía a la prosa, como el libro *Borderlands/La Frontera: la nueva mestiza* (1987), que revela el surgimiento de una etiqueta particular, como es la literatura chicana. Este artículo tiene como objetivo analizar el cuento inédito *Su nombre nunca fue llamado* y, a su vez, discutir el concepto de archivo y repertorio en la obra de Anzaldúa. Además del texto literario y archivo inédito, buscamos reflexionar sobre la vida de los seres subalternos que ocupan la frontera México – Estados Unidos. Para ello, la metodología que sustenta este texto se centra en reflexiones teórico-críticas sobre los estudios poscolonialistas, especialmente los trabajos Mignolo (2003) y Hawley (2001) y también trabajos de exégesis y fortuna crítica sobre Anzaldúa, como, Keating (2009) y Bowen (2010). De esta manera, la vida y obra de Gloria Anzaldúa constituyen un legado de la historia de quienes se encuentran entre la frontera.

**Palabras clave:** Anzaldúa, archivo, repertorio, identidad, autohistoria.

I cannot separate my writing from any part of my life. It is all one.

ANZALDÚA, 2012, p. 95<sup>3</sup>.

A epígrafe escolhida para este artigo remonta a conexão histórico-cultural e biográfica da escritora Gloria Anzaldúa com seu ato de viver/escrever, ultrapassando os limites de uma vida as margens da sociedade estadunidense e se posicionando contra o *status quo*.

No capítulo VI, “Tlilli, Tlapalli/The Path of the Red and BlackInk”, de *Borderlands/La Frontera*, Anzaldúa inicia a narrativa relembrando sua infância e o apego pelas histórias, pois, toda noite, sua irmã pedia para ouvir uma história antes de dormir. Segundo a autora, “*I was familiar with cuentos.*” (p. 87)<sup>4</sup>Ao longo do capítulo, Anzaldúa realiza um resgate de informações sobre sua família e o quanto a arte de contar histórias esteve presente em sua vida, desde seu pai e avó. Para ela: “*Nudge a Mexican and she or he will break out with a story*” (p. 87)<sup>5</sup>, representando o quanto o povo mexicano possui em sua tradição o desejo de contar suas histórias.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre o conto anzalduano não publicado *Her name never got called*, e por sua vez, discutir sobre o conceito de arquivo e repertório. Para além do texto literário, buscamos discutir sobre as agruras vividas pelos seres subalternos, tendo como foco primordial da análise a realidade cultural e identitária da fronteira México – Estados Unidos.

Nesse movimento de ouvir e contar histórias, Anzaldúa narra que resolveu registrar no papel suas histórias. Para ela, “*my ‘stories’ are acts encapsulated in time, ‘enacted’ every time they are spoken aloud or read silently*” (p. 89)<sup>6</sup>, não obstante, este capítulo de *Borderlands* perpassa pela discussão de como Anzaldúa

---

<sup>3</sup> Tradução livre: Eu não posso separar minha escrita de nenhuma parte da minha vida. É apenas uma.

<sup>4</sup> Tradução livre: Eu era familiarizada com contos.

<sup>5</sup> Tradução livre: Esbarre em um mexicano e ele ou ela começará uma história.

<sup>6</sup> Tradução livre: Minhas ‘histórias’ são atos encapsulados no tempo, ‘decretadas’ cada vez que são faladas em voz alta ou lidas silenciosamente.

vê seu ato de criação artística como ação de um *shaman* que carrega um ofício sagrado: “*it is my job, my calling*[...]”<sup>7</sup>. Em todo o capítulo, observa-se a necessidade de a autora expor as imagens que a perturbam, transformando-as em escrita. A biografia da autora se mistura com informações sobre a cultura Asteca e crenças de seu povo. É narrado o quanto a escrita se transforma em uma forma de saída para o sofrimento da autora, pois “[...] *when I don’t write the images down for several days or weeks or months, I get physically ill* [...]” (p. 92).<sup>8</sup> Neste artigo, temos o interesse de analisar o texto de Anzaldúa dentro do contexto de sua auto-história, a história que também é de muitos outros habitantes da fronteira, como Anzaldúa. A reflexão sobre o capítulo em referência introduz uma análise sobre documentos inéditos para a pesquisa sobre Anzaldúa no Brasil, contribuindo para a discussão do conceito de auto-história e a análise de um conto ainda não publicado: *Her name never got called*<sup>9</sup>.

O conto *Her name never got called*, de Anzaldúa, foi encontrado nos arquivos pesquisados durante a visita realizada à Biblioteca Nettie Lee Benson, na Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos. Após a participação em um *workshop*, em maio de 2015, ministrado pela pesquisadora AnaLouise Keating sobre os arquivos de Anzaldúa, tivemos a oportunidade de receber uma cópia da certidão de nascimento da escritora e um fragmento do conto em questão. O acesso ao documento despertou interesse em ir mais adiante para conhecer sobre a relação vida vs obra da autora, o que, por sua vez, criou a oportunidade de pesquisar os arquivos que compunham a pasta citada no *workshop* e, nela, estavam, além da certidão de nascimento da escritora, alguns textos ainda não publicados e o conto *Her name never got called*, em versões datilografadas e com diversas anotações.

---

<sup>7</sup> Tradução livre: É o meu trabalho, meu chamado.

<sup>8</sup> Tradução livre: Quando eu não reproduzo as imagens por vários dias ou semanas ou meses, eu fico fisicamente doente.

<sup>9</sup>O original deste arquivo encontra-se na Biblioteca Nettie Lee Benson-Latin American Collection - na Universidade do Texas em Austin, E.U.A. O acesso ao texto se deu por uma versão digital do texto encaminhada pela equipe de bibliotecários em outubro de 2015. Os arquivos de Anzaldúa que fazem parte da coleção **Gloria Evangelina Anzaldúa Papers, 1942-2004** podem ser consultados pelo link: <http://www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00189/lac-00189.html#a0>.

Diante do material encontrado, fizemos a solicitação de liberação de uma via digital para a realização da análise. Esse material nos foi encaminhado digitalmente pelo bibliotecário responsável pelos arquivos na biblioteca americana, contribuindo, sobremaneira, para a pesquisa. É oportuno mencionar que o conto não foi publicado por Anzaldúa, em vida, havendo apenas nos arquivos os manuscritos da autora. O documento é composto por cinco versões do texto, todas com anotações que denotam um movimento de reescrita. Destacam-se as anotações e sugestões escritas em todo o conto. Observa-se, também, em virtude da diferença nas caligrafias, que se trata de escritas de pessoas diferentes que tiveram acesso ao texto. Nesse sentido, depreende-se que Anzaldúa possa ter solicitado a amigos que realizassem leituras e sugestões, denotando sua preocupação com o teor dos textos. Reitera-se que o acesso aos arquivos durante a pesquisa nos possibilitou conhecer o processo de criação da autora, desde o momento da concepção, por meio de jornais recortados e revistas com bilhetes de anotações, à materialização de textos e seu processo minucioso de reescrita, a exemplo do conto em questão. A seguir, apresentamos o manuscrito do texto ainda inédito do conto em análise.

Figura 1

School

How She Learned All Her Names

Her Name Never Got Called

She stood before the blue door marked Beginners I. She <sup>could not</sup> read yet <sup>she would soon</sup>. Her mamá and Papi's <sup>When you go to school you'll have to obey the teacher's orders.</sup>

"Cuando vayas a la escuela, tienes que hacerle caso a la maestra." All year she'd heard Mamá and Papi say this. And now

on her first day of school, twenty days before her seventh birthday she sat at the <sup>in the first time at a</sup> school desk. This was Beginners I. Next year <sup>year after that</sup> she would go to Beginners II and the <sup>following year</sup> she would get to First grade. The Anglo teacher knew no Spanish, and neither <sup>she nor any of the other Mexican kids knew</sup> English. The teacher <sup>democratized</sup> She sat at one of the children's desks, called out her own name, stood up and raising her hand said "present."

Prieta understood. <sup>They were to stand up and say present when the teacher called their names.</sup> She waited for her name to be called so she could stand up and say, "Present." Her name never got called.

Next day after the teacher called the first name on the row, "Gloria," no one answered. "Gloria Anzaldúa!" she yelled pointing at her. Her name was Anzaldúa but not Gloria. The teacher yelled something at her in English. Prieta was puzzled. <sup>her face got red and red.</sup> The teacher's <sup>face was</sup> getting <sup>red</sup> and <sup>red</sup>. The teacher <sup>stood</sup> over her now.

Bincer-like <sup>grasped</sup> her upper arm, jerked her out of her seat and pushed her at the black board. The teacher <sup>drew</sup> a circle with chalk and shoved Prieta's face against it, Prieta twisted away. <sup>nose filling with the dry smell of chalk</sup>

The teacher picked up her paddle. Prieta understood. If she didn't put her nose in the middle of the circle the teacher would beat her. <sup>No one had ever</sup> neither <sup>one of her parents had ever</sup> hit her, <sup>and</sup> <sup>this violence was alien to her.</sup> Her mother

<sup>Mamá</sup> would be so ashamed to find out she had been punished. All year <sup>she could hear her mamá and Papi's voices arguing. You have to behave. You long ago had heard Mamá and Papi say this. You have to do what the teacher tells you. Tell your Tomás que portarse bien, tenía que hacerle caso a la maestra.</sup>

<sup>The pain and respect for la maestra</sup>

Manuscript *Her name never got called*. Box 1. Folder 1. Fonte: Benson Latin American Collection, University of Texas Libraries, the University of Texas at Austin. Gloria Evangelina Anzaldúa Papers (1942-2004).

Ao iniciar as análises referentes aos arquivos de Anzaldúa, julga-se necessário apresentar a concepção de arquivo e repertório utilizada nesta pesquisa. Segundo Bowen (2010) em seu trabalho intitulado *Visuality and the Archive: The Gloria Evangelina Anzaldúa Papers as Theory of Social Change*, a autora estabelece que arquivo e repertório são interdependentes, contudo, algumas nuances podem ser evidenciadas. Segundo Bowen, o arquivo está diretamente relacionado a algo oficial, uma espécie de memória arquivada, a exemplo de documentos, mapas, textos literários, cartas, restos arqueológicos, ossos, vídeos, filmes, cds, todos itens supostamente resistentes a mudanças. Na esteira de Bowen, a palavra arquivo vem do grego, etimologicamente se referindo a “um prédio público”, “um local onde os registros são mantidos.” Continua a pesquisadora, a palavra vem de *arkhe*, que também significa um começo, o primeiro lugar, o governo, nesse sentido, Bowen conclui sua reflexão afirmando que o arquivo sustenta o poder deste o princípio.

Entende-se, dessa forma, que o arquivo está diretamente relacionado a registros oficiais de ações ocorridas. Contudo, Bowen (2010) sugere que tais registros possam ser manipulados por aqueles que estão no poder, pois têm a habilidade de manipular os documentos da maneira que atenda seus interesses, a exemplo do ato de banir alguns livros em nome de certas ideologias, como já ocorrido na história.

Bowen (2010) acrescenta que mesmo que os arquivos possam ser infalíveis, eles estão ligados àqueles que são parte de sua criação. A habilidade de criar documentos que serão catalogados no arquivo envolve escolha do que ser incluído ou não, ou seja, essa escolha também está ligada ao poder. Para Bowen (2010), os objetos no arquivo não são completamente objetivos. Eles refletem decisões importantes e, nesse sentido, o arquivo é um local inquestionável de objetividade. Continua a pesquisadora, o arquivo preserva importantes documentos e objetos que contam a história oficial, entretanto, um dos problemas com o arquivo é que ele está vinculado a teorias do colonialismo.

A reflexão de Bowen evidencia parte da luta de Anzaldúa contra o projeto colonialista estabelecido durante a história, nesse sentido, ao buscar o direito à voz e representação da comunidade chicana, Anzaldúa refuta o mecanismo de apagamento da história dos subalternos utilizado pelos colonizadores ao não contar a história dos “outros”, pois são os detentores dos arquivos e respectivamente podem contar a história por sua perspectiva.

Dessa forma, enquanto o arquivo está voltado a algo mais oficial, complementa-se a explanação com o repertório, que, por sua vez, está associado ao experimental. Para Bowen, o repertório desencadeia memória incorporada, a exemplo de performances, gestos, oralidade, movimento, dança, canção, em suma, todas as ações que normalmente são pensadas como efêmeras, de conhecimento não reprodutível. Segundo Bowen (2010), etimologicamente, repertório significa, “uma tesouraria”, “inventário”, permite uma atividade individual, referindo-se também a descobridor, descoberto, e o significado encontrar. Continua Bowen afirmando que, “o repertório exige presença, ou seja, as pessoas participam da produção e reprodução do conhecimento estando lá, fazendo parte da transmissão.” (TAYLOR *apud* BOWEN, p. 63, 2010)

Nesse sentido, o repertório nunca pode ser completamente reproduzido, porque cada performance é diferente. Há circunstâncias nas quais os atos são repetidos, contudo, isso não significa que eles sejam os mesmos. Entende-se, com isso, que o repertório proporciona um espaço para que outras formas de conhecimento sejam permitidas e binarismos sejam rompidos.

Bowen (2010) conclui que espaços de ação são criados pelo movimento entre arquivos e repertório. Afirma que Anzaldúa exemplifica tal movimento quando expõe, em seus textos, as nuances de um mundo estabelecido nas afirmações do colonizador que narra a história de seu povo sob o corpo das pessoas de cor. Assim, considerando a obra de Anzaldúa, entende-se, nesta pesquisa, o arquivo da escritora chicana como o arquivo estabelecido na coleção oficial na biblioteca da Universidade do Texas e repertório, definido como as performances e interações que estão ligadas a esse arquivo. Diante disso, retomamos as informações contidas no conto em análise.

Em *Her name never got called*, Anzaldúa narra uma espécie de rito de passagem vivenciado pela protagonista “Prieta”: o primeiro dia na escola. Embora se trate de uma experiência difícil para as crianças, em geral, a situação de Prieta se intensificou quando ela se encontrou em um ambiente no qual a língua inglesa era predominante e ela era incapaz de entender as pessoas que estavam naquele local, “*the blue door marked Beginners*”. Embora estivesse em um contexto totalmente diferente daquele a que estava acostumada, Prieta, rapidamente, entende algumas situações e percebe que a professora está fazendo a chamada. Diante disso, cada estudante, ao ouvir seu nome, levanta-se e diz: presente. Prieta aguarda seu nome ser chamado, mas não o escuta. Na realidade, ela não o

escutaria, pois não sabia seu próprio nome. Embora Prieta fosse capaz de entender o contexto que havia sido estabelecido naquele momento em sala de aula, ela não poderia atender ao chamado da professora, pois, em sua casa, todos a chamavam de “Prieta” ou “Prietita”, sendo impossível reconhecer-se pelo nome “Gloria”, chamado pela professora. “*Gloria Anzaldúa! She yelled, pointing at her*”.<sup>10</sup> A professora, por sua vez, não entendia espanhol, impedindo que Prieta explicasse que aquele nome não era o que sua família utilizava. O mal-entendido enfurece a professora que resolve punir a estudante esfregando seu rosto na lousa, pois “*She was going to establish discipline over these wild dirty Mexicans right from the start*”.<sup>11</sup> O conto narra o pensamento da estudante e como ela se sentia ao não cumprir a orientação de seus pais: “*When you go to school you’ll have to obey the teachers.*”<sup>12</sup> Na sequência do conto, há um salto temporal e Prieta, já mais velha, relembra a situação vivida sob uma nova visão. Ela explica o que havia acontecido com sua certidão de nascimento e as mudanças que ocorreram no documento. Ela menciona que o único item verdadeiro de sua certidão de nascimento havia sido mudado, onde havia a informação de naturalidade Mexicana, foi “corrigida” para branca.

Todo o relato ganha sentido novo quando confrontado com a certidão de nascimento da escritora Gloria Evangelina Anzaldúa, ora nominada por sua família, no conto, como Prieta. Nesse momento, apresenta-se a certidão de nascimento de Anzaldúa e realiza-se uma análise do conto a partir das informações obtidas no documento e conhecimento sobre a vida da autora.

---

<sup>10</sup> Tradução livre: Gloria Anzaldúa! Gritou a professora, apontando para Anzaldúa.

<sup>11</sup> Tradução livre: Ela iria estabelecer a disciplina sob aqueles Mexicanos sujos e selvagens desde o começo.

<sup>12</sup> Tradução livre: Quando você for a escola você terá que obedecer aos professores.

Figura 2

1. PLACE OF BIRTH		TEXAS DEPARTMENT OF HEALTH BUREAU OF VITAL STATISTICS STANDARD CERTIFICATE OF BIRTH			97248	
STATE OF TEXAS		COUNTY OF WILLACY		CITY OR TOWNSHIP OF RAYMONDVILLE TEXAS		
2. FULL NAME OF CHILD		LVA ANGELINA ANZALDUA				
3. SEX		FEMALE				
4. FATHER'S NAME		ERDENA ANZALDUA				
5. MOTHER'S NAME		ARLENE ANZALDUA				
6. DATE OF BIRTH		SEP 26 1942				
7. TIME OF BIRTH		104				
8. OCCUPATION		FATHER				
9. OCCUPATION		MOTHER				
10. COLOR OR HAIR		BRN HAIR				
11. BIRTHPLACE		MEXICO				
12. BIRTHPLACE		MEXICO				
13. TRADE, PRO- FESSION OR KIND OF WORK DONE		NONE				
14. NUMBER OF CHILDREN BORN TO THIS MOTHER INCLUDING THIS BIRTH		ONE				
15. MEDICAL ATTENDANCE		MRS. H. B. SUTTON				
16. MEDICAL ATTENDANCE		RAYMONDVILLE TEXAS				
17. I HEREBY CERTIFY THAT I ATTENDED THE BIRTH OF THIS CHILD		BORN ALIVE				
18. AND THE PROPAGATING AGENT OF THIS CHILD		MEXICAN INFORMATION WAS				
19. APPROVED BY		M. D. SUTTON				
20. APPROVED BY		RAYMONDVILLE TEXAS				
21. APPROVED BY		RAYMONDVILLE TEXAS				

  

TEXAS DEPARTMENT OF HEALTH		BUREAU OF VITAL STATISTICS	
PART I. INFORMATION PERTAINING TO REGISTRATION & CORRECTION ON ORIGINAL BIRTH CERTIFICATE		DATE OF BIRTH	
LVA Angelina Anzaldua		September 26, 1942	
PLACE OF BIRTH		STATE - TEXAS	
Raymondville, Willacy County, Texas		97240	
PART II. ABSTRACT OF SUPPORTING DOCUMENTS BY JURISDICTION		CORRECT INFORMATION	
DATE OF ORIGINAL BIRTH CERTIFICATE TO BE CORRECTED		DATE OF BIRTH	
2		LVA Angelina Anzaldua	
8		Urbana Anzaldua	
10		Mexican	
16		Mexican	
PART III. ABSTRACT OF SUPPORTING DOCUMENTS BY JURISDICTION		DATE OF BIRTH	
TYPE OF DOCUMENT		DATE	
Affidavit of Amalia Anzaldua		6-21-1972	
Ralph Cisneros Notary Public Willacy County, Texas		7-17-1972	
Certification of Baptismal Record, Our Lady of Guadalupe Church		6-27-1943	
PART IV. PERSON REQUESTING AMENDMENT		RELATIONSHIP TO REGISTRAR	
Amalia Anzaldua		Mother	
ADDRESS P.O. Box 118 Rayville, Texas			
PART V. CERTIFICATION BY STATE REGISTRAR		I HEREBY CERTIFY THAT I HAVE EXAMINED THE RECORDS LISTED ABOVE AND THAT THE ABOVE IS TRUE AND CORRECT	
DATE FILED July 17, 1972		STATE REGISTRAR	

54

**Certidão de nascimento de Gloria Evangelina Anzaldúa. Baptism and Birth certificates (corrected), 1942-1943 [1972].** Box 1. Folder 1. **Fonte:** Benson Latin American Collection, University of Texas Libraries, the University of Texas at Austin. Gloria Evangelina Anzaldúa Papers (1942-2004).

Bowen (2010) aponta um caminho interessante para a análise biográfica desses arquivos. Segundo a pesquisadora, a justaposição de documentos oficiais com a ficção não oficial ou auto-história, em específico, o texto “*Her name never got called*” é uma excelente oportunidade de refletir sobre os arquivos e repertório de Anzaldúa, por oportunizar a visualização de como Anzaldúa trabalhou para criar suas teorias. Essa justaposição permite depreender informações sobre o isolamento, atos diários de resistência e a consciência social através de seu modo de ver o mundo.

De modo inicial, pode-se notar que o repertório de textos nos ajuda a explicar as alterações na certidão de nascimento de Anzaldúa e o porquê de a protagonista do conto não saber o seu nome. Contudo, outras imagens dentro do conto podem auxiliar em reflexões sobre identidade e o papel da intelectual dentro do contexto fronteiriço que une o texto com as experiências de Anzaldúa.

Segundo Bowen (2010), embora seja um trabalho de ficção, e Prieta é uma protagonista comum nos trabalhos de Anzaldúa, a exemplo de “*Prietita and the ghost woman/Prietita y la Llorona*”, os pesquisadores são conhecedores do fato de a mãe de Anzaldúa chamá-la de “Prieta” quando era criança. É oportuno mencionar que a palavra Prieta significa “dark one” ou, conforme narrado no conto:

[...] Her mother called her Prieta or Prietita in soft loving tones. Or she called her Urraca Prieta, Black Crow. Later she was to discover that this bird was a symbol of Death. When they assemble in a place it means someone will die. Crows are spirits of truth-they know what’s going to happen in the future. (ANZALDÚA, Benson Library-Texas University at Austin. Gloria Evangelina Anzaldúa Papers, 1942-2004)<sup>13</sup>

Percebe-se aí, o ponto de entrada de Anzaldúa no universo autobiográfico, mesmo com a névoa existente entre o que é fato ou ficção. O fato de a personagem ter sido chamada sempre de Prieta por sua família não a coloca como alguém que não sabe seu nome, mas, sim, o desconhecimento do documento oficial (certidão de nascimento), pois, como se pode observar na passagem, há

---

<sup>13</sup> Tradução livre: [...] Sua mãe a chamava de Prieta ou Prietita em tons suaves de amor. Ou a chamava de Urraca Prieta, Corvo Negro. Mais tarde, ela foi descobrir que este pássaro era um símbolo da morte. Quando eles se reúnem em um lugar significa que alguém vai morrer. Corvos são espíritos da verdade, eles sabem o que vai acontecer no futuro.

uma relação familiar de carinho com o nome escolhido. Reconhece-se também, ao discutirmos sobre o nome da protagonista, a presença do misticismo Asteca, da crença indígena e sua relação direta com seres e imagens da natureza, a exemplo da “*Urraca Prieta*” ou “*Black Crow*”. O nome em questão é um “*symbol of Death, [...] when they assemble in a place it means someone will die.*”<sup>14</sup> (ANZALDÚA, Benson Library-Texas University at Austin. Gloria Evangelina Anzaldúa Papers, 1942-2004)

Nesse sentido, reitera-se que a protagonista aguarda que o nome “*Prieta*” seja chamado pela professora, pois, até aquele momento, ela nunca havia ouvido o nome Gloria em sua vida. Percebe-se, contudo, que a criança está preparada e consciente do ambiente constituído na sala de aula, mas a professora, não conhecedora da história da criança, a chama pelo nome “errado”: “Gloria Anzaldúa!”.

Nota-se um conflito linguístico no conto, expondo a relação problemática entre a professora e seus estudantes. Nesse sentido, relembramos a biografia da autora e trazemos o fato de Anzaldúa ter atuado durante alguns anos como professora, em diversas escolas da fronteira, acompanhando de perto a difícil missão dos estudantes chicanos em escolas americanas. Segundo a narradora, “[...] *The Anglo teacher knew no Spanish, and Mexican kids knew no English.*” (ANZALDÚA, Benson Library-Texas University at Austin. Gloria Evangelina Anzaldúa Papers, 1942-2004)<sup>15</sup> Nota-se que, na sala de aula, há tanto estudantes americanos como mexicanos, mas não há uma preparação da professora para dialogar com todos em ambas as línguas, privilegiando os americanos em detrimento dos mexicanos que deveriam se adequar ao sistema estabelecido. Em outro momento, lê-se “[...] *She stood before the blue door marked Beginners thought she couldn't read yet, she vowed she would soon.*” (ANZALDÚA, Benson Library-Texas University at Austin. Gloria Evangelina Anzaldúa Papers, 1942-2004)<sup>16</sup> Essa passagem amplia nossa discussão sobre a separação entre os

---

<sup>14</sup> Tradução livre: É um símbolo de morte. [...] Quando ele aparece em algum lugar significa que alguém vai morrer.

<sup>15</sup> Tradução livre: A professora americana não sabia espanhol, e as crianças mexicanas não sabiam inglês.

<sup>16</sup> Tradução livre: Ela parou em frente a porta azul identificada por Iniciantes pensou que não poderia ler ainda, ela jurou que poderia em breve.

americanos e mexicanos, porque, ao mostrar que ainda não sabia ler, a personagem nos possibilita pensar que a outra parte da sala de aula, ou seja, os americanos poderiam ler, pois há uma diferença entre o que ela sabe e os outros estudantes.

Nesse contexto, chama-se a atenção para uma espécie de barreira cultural e linguística entre a professora e os estudantes, “*The Anglo teacher knew no Spanish [...] She was going to establish discipline [...]*”<sup>17</sup>, torna ainda mais difícil essa espécie de rito de passagem no qual os estudantes se deparam em seu primeiro dia de aula. Sobre esse tema, Bowen (2010) afirma que: “[...] *Part of what makes a rite of passage so difficult is the state of confusion that people feel, and even though people who go to school must inevitably experience their first day, there is a set of norms that everyone must learn and follow.*”<sup>18</sup>(BOWEN, 2010, p. 10)

Observa-se, ainda, no texto, “[...] *Next day, after the teacher called the first name on the row, “Gloria”, no one answered. “Gloria Anzaldúa!” she yelled, point at her. Her name was Anzaldúa but not Gloria.*”<sup>19</sup>(ANZALDÚA, Benson Library-Texas University at Austin. Gloria Evangelina Anzaldúa Papers, 1942-2004) Reiteramos que “Prieta” estava pronta para responder à chamada, mas a professora chamou por Gloria, porque seu nome era Anzaldúa, mas não Gloria. Talvez, possamos inferir que todo esse mal entendido possa ter criado um trauma na pequena “Prieta”, pois todos os dias, até que ela pudesse entender tudo o que se passava, ela teria que passar por esse momento de trauma. Para Bowen (2010):

Having the wrong name on the birth certificate may have created a sense of confusion at home resulting in a child who may not fully understand what her name is and how to survive in an environment where other children know their names. She understands her environment, perhaps even better than her peers, but the confusion that was imposed on her since birth makes it difficult for her to understand that she

---

<sup>17</sup> Tradução livre: A professora americana não sabia espanhol [...] Ela iria estabelecer a disciplina.

<sup>18</sup> Tradução livre: Parte do que torna o rito de passagem tão difícil é o estado de confusão que as pessoas sentem, e mesmo as pessoas que vão para escola devem inevitavelmente experimentar seu primeiro dia de aula, há um grupo de normas que todos devem aprender e seguir.

<sup>19</sup> Tradução livre: No dia seguinte, depois da professora chamar o primeiro nome na fila, Gloria, ninguém respondeu. Gloria Anzaldúa! Gritou a professora, apontando para Anzaldúa.

needs to respond when she hears a name that is foreign to her. (BOWEN, 2010, p. 107)<sup>20</sup>

As palavras de Bowen dialogam com o que se pretende apresentar aqui. O fato de a família nunca ter chamado “Prieta” por seu nome de registro configurou-se em uma outra identidade que não era a dela, e que, com o passar do tempo, se concretizou, mas que, no ingresso escolar, perdeu sentido, tornando-se “*a name that is foreign to her*”<sup>21</sup>. Os “erros” existentes na certidão de nascimento podem ser explicados como mal-entendidos de pronúncia ou de adaptação do cartorário, quando realizou o atendimento ao pai de Anzaldúa. Contudo, tais colocações não esclarecem o fato de a família não ter utilizado o nome de registro da criança durante sua vida.

Contribuem para a reflexão as considerações de Hawley (2001) quando apontam que Anzaldúa, por meio de suas próprias experiências, documenta o padecimento que os indivíduos sofrem quando são forçados a adotar uma nova língua em detrimento de sua língua materna, a exemplo do conto em análise. O fato de Prieta não ter o suporte e entendimento da professora deixou marcas profundas em sua vida. Talvez, possamos inferir daí que a utilização *do code switching, Spanglish, Tex-Mex, Nahuatl* nas produções de Anzaldúa, sejam uma resposta à professora que não conseguia se comunicar com os estudantes. Entendemos que Anzaldúa representou, em sua escrita, muito de suas experiências e, dessa forma, procurou ampliar ao máximo o alcance de seus textos. Nesse sentido, a mistura de todas essas línguas criou um “cross-pollination” na junção da cultura que revitaliza a língua.

Segundo Hawley (2001), “*Enforced use of English evokes memories of her painful childhood experiences in the school situation, adding to her desire to leave those linguistic binds and borders behind through creatively deploying a*

---

<sup>20</sup> Tradução livre: Tendo o nome errado na certidão de nascimento pode ter criado uma sensação de confusão em casa, resultando em uma criança que não poderia compreender totalmente qual era o nome dela e como sobreviver em um ambiente onde as outras crianças sabiam seus nomes. Ela entende seu ambiente, talvez até melhor do que seus pares, mas a confusão que foi imposta a ela desde o nascimento faz com que seja difícil para ela entender que ela precisa responder quando ouve um nome que é estranho para ela.

<sup>21</sup> Tradução livre: Um nome que é desconhecido para ela.

*combination of languages.*”<sup>22</sup> (HAWLEY, 2001, p. 31) O pesquisador menciona também que, nas configurações pós-coloniais, a língua do colonizador é sempre uma lembrança de ser o “outro”. Nesse contexto, a necessidade de se comunicar pela língua do colonizador sempre constituiu barreira para as figuras subalternas que compõem a fronteira. Entretanto, observa-se na obra de Anzaldúa um combate ao “*linguistic terrorism*” existente. Contudo, tal combate evidencia-se extremamente difícil de ser vencido, haja vista, que as próprias famílias chicanas, como observado no texto, cultivam esse terrorismo linguístico em suas crianças, ao forçá-los a falar a língua inglesa. Observa-se aí, a vontade dos familiares que seus filhos e filhas não sejam subjulgados, menosprezados pela língua que falam.

Na certidão de nascimento, notam-se algumas alterações realizadas pela mãe de Anzaldúa, conforme comentado anteriormente, contrastando com o relato, no qual se observa que as alterações foram feitas pela avó: “*Mamagrande*”. Segundo o texto, “*Her grandmother ‘corrected’ every item*”, contudo, não se tratava apenas de um ajuste de nomes, evidencia-se, aí, a tentativa da avó de possibilitar à sua neta, por meio de seu registro, uma vida mais digna, sem discriminações, por ser Mexicana. Segundo o conto, “[...] *Her grandmother had acted from the heart, had tried, by changing one word, to save her from painful ignominy of be what she was-Mexican*”<sup>23</sup>. Essas palavras nos permitem mensurar o quanto o sofrimento vivido pela avó ultrapassou questões de identidade nacional para se submeter a uma perda de identidade familiar e possibilidade de acesso à outra cultura. A tentativa de salvar a neta do futuro medíocre, enquanto mexicana, ganha concretude quando analisamos os itens dez e dezesseis do formulário de registro de nascimento de Gloria Anzaldúa. O item referente a “*color or race*” passa de “mexican” para “*White*”. Nessa correção realizada pela mãe, outros três itens são mencionados: o item dois, que trata do nome da criança, antes informado como “Eva Angeline Anzaldua” e alterado para “Gloria Evangelina Anzaldua; o item oito, referente ao nome do pai, é alterado de “Urbana Anzaldua” para “Urbano Anzaldua”. Nesse item, abre-se espaço para apontar um problema de comunicação

---

<sup>22</sup> Tradução livre: O uso forçado do inglês evoca memórias de suas dolorosas experiências de infância na situação escolar, aumentando seu desejo de deixar para trás essas amarras e fronteiras linguísticas através da utilização criativa de uma combinação de idiomas.

<sup>23</sup> Tradução livre: Sua avó havia agido de coração, havia tentado, apenas trocando uma palavra, para salva-la da dolorosa desonra de ser o que ela era - Mexicana.

entre o pai de Gloria Anzaldúa, ora responsável pelo primeiro registro, e o cartorário, pois ciente da existência da flexão de gênero em espanhol, se tornaria uma identificação rápida do problema no registro, caso o cartorário soubesse espanhol. Contudo, observa-se que não houve entendimento entre os dois e o registro de “Urbana” foi efetivado. O último item alterado foi o número dez, referente à cor ou raça do pai, que passou de “*Mexican*” para “*White*”, possibilitando a troca da “identidade” da pequena Prieta. Talvez seja essa a resposta à observação da personagem no conto ao afirmar que “the certificate said she was born dead.”<sup>24</sup> Considera-se que a morte registrada pela escritora se refere justamente a essa troca de Mexican para White, pois aquela mexicana representada pela certidão de nascimento não havia nascido, não havia sido chamada, justificando o título do conto *Her name never got called*.

De todo o exposto, *Her name never got called* é um texto com contornos sociais, um documento cultural que retrata a vida dos seres que habitam as fronteiras. Trata-se de um texto que não se enquadra nos paradigmas dominantes, pois conta a história de pessoas dispensáveis, sem poder, desvalorizadas por terem a raça, a classe, o gênero e a etnia erradas. Nele, percebe-se o quanto a materialidade da vida pode ser lida na obra da autora chicana e, por sua vez, o quanto este texto-vida também pode ser comum ao contexto fronteiriço amplo existente, pois, entende-se que as reflexões se expandem por todas as Américas.

Destacamos, por fim, o quanto as narrativas que tratam das fronteiras clamam por vozes que habitam aquele espaço, uma vez que, “The U.S.-Mexican border *es una herida abierta* where the Third World grates against the first and bleeds<sup>25</sup>.” (ANZALDÚA, 2012, p. 25). Assim, depreende-se nesta pesquisa, que é preciso se descolonizar para deixar de ser subalterno, pois, a ferida nunca deixará de sangrar.

## REFERÊNCIAS

---

<sup>24</sup> Tradução livre: A certidão de nascimento disse que ela havia nascido morta.

<sup>25</sup> Tradução livre: A fronteira Estados Unidos – México é uma ferida aberta onde o terceiro mundo roça contra o primeiro e sangra.

ANZALDÚA, Gloria. *BORDERLANDS/LA FRONTERA: The new mestiza*. 4<sup>th</sup>edition. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

BENSON, Library. *Texas University at Austin*. GLORIA EVANGELINA ANZALDÚA PAPERS, 1942-2004. Disponível em: <http://www.lib.utexas.edu/taro/utlac/00189/lac-00189.html#a0> Acesso em: 10-04-2015.

BOWEN, Diana Isabel. *VISUALITY AND THE ARCHIVE: The Gloria Evangelina Anzaldúa Papers as Theory of Social Change*. Tese de doutorado.f 199. The University of Texas at Austin, 2010.

HAWLEY, John C. (Editor) *ENCYCLOPIDIA OF POSTCOLONIAL STUDIES*. Westport, Connecticut, London: Greenwood Press, 2001.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Artigo recebido em: 20 de maio de 2024.

Artigo Aprovado em: 11 de setembro de 2024.